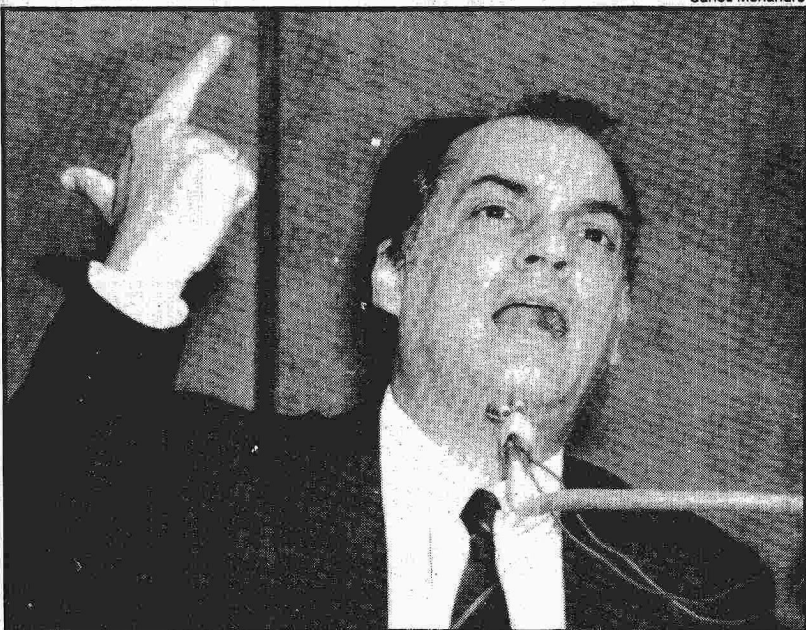




Freire: antes, motivo de risos. Agora, candidatura consolidada

Freire quer ser o líder da esquerda

Roberto d'Azevedo

O projeto político do deputado Roberto Freire, candidato pelo PCB à Presidência da República, é chegar ao dia 15 de novembro como o principal líder da esquerda brasileira. Por isso, ele transformou o debate econômico de ontem, no fórum criado pela Universidade de Brasília (UnB) e pelo Conselho Federal de Economia (Cofecon) — “Brasil: Eleja seu programa” — em uma ampla conversa de economia política.

“Minha candidatura se afirmou politicamente”, declarou satisfeito, na abertura de sua palestra, lembrando que no início era motivo de risos e não conseguia nem respeito pessoal em certas áreas. O entusiasmo de Roberto Freire cresce à medida em que seu índice nas pesquisas de opinião o mantém muito próximo da maioria dos candidatos e sua performance nos primeiros debates da televisão tem ganho destaque.

A projeção de superar o candidato Luís Inácio Lula da Silva, do PT, torna-se cada vez menos absurda. “Nos segmentos formadores de opinião, já passei. Junto ao povão é difícil, porque a palavra comunista ainda assusta muita gente nesse País”, avalia Freire. Nas conversas diárias, entretanto, sejam informais ou oficiais, a hipótese do PCB chegar ao segundo turno já transita bem longe do ridículo.

Muitas vezes usando “socialismo” ou “esquerda” em vez de “comunismo”, Roberto Freire abriu mão de seu tempo exclusivo em favor do debate teórico com o cientista político Benício Schmidt e com a professora de economia política Maria de Lourdes Mollo, que faziam parte da mesa. E, nas respostas aos jornalistas, procurou sempre falar do comportamento das esquerdas nacionais e do futuro do socialismo mundial.

“Quando me perguntam se vou demitir funcionários públicos, respondendo que vou acabar com a especulação financeira”, disse o candi-

dato do Partido Comunista Brasileiro, para explicar que “alguns setores de esquerda não se deram conta e entraram no debate da crise seguindo a lógica do pensamento conversador. Eu não quero discutir déficit público, por exemplo, a partir dessa concepção neoliberal”.

Freire reconhece que o socialismo está em crise internacionalmente e que ninguém sabe ao certo para onde vai a discussão, mas não cansa de repetir que a sociedade socialista é mais justa e que, no Brasil, o importante é a classe operária chegar a ser classe dirigente. “Não quero discutir estatização — diz ele — porque o socialismo hoje está resgatando Marx na sua idéia de propriedade social. Não se pode ficar só na propriedade estatal”. Freire coloca o Estado como instrumento de controle, da sociedade civil, da produção. E fala numa união das esquerdas, como aconteceu com a Frente Popular no Chile de Salvador Allende. “Mas é preciso achar uma concepção hegemônica, que muitos não têm nem internamente”, disse.

Se for eleito, Roberto Freire imediatamente fará uma proposta de coalizão democrática, suspenderá o pagamento da dívida externa para renegociação e enviará ao Congresso um plano de combate urgente à crise econômica: “O Chile é um bom exemplo para sabermos que a classe média não pode ser penalizada. Se for, ela ou derruba o Governo ou, se não tiver condições, vai embora para o exterior”.

Outros pontos importantes, defendidos pelo candidato do PCB, foram o afastamento das missões religiosas que trabalham junto aos índios e a estatização da saúde e da educação via eficiência do serviço, inviabilizando a iniciativa privada através da melhor qualificação. Freire é a favor de um presidente que prepare o País durante os três primeiros anos de mandato para que, em 1993, a opção da maioria pelo parlamentarismo seja irreversível.